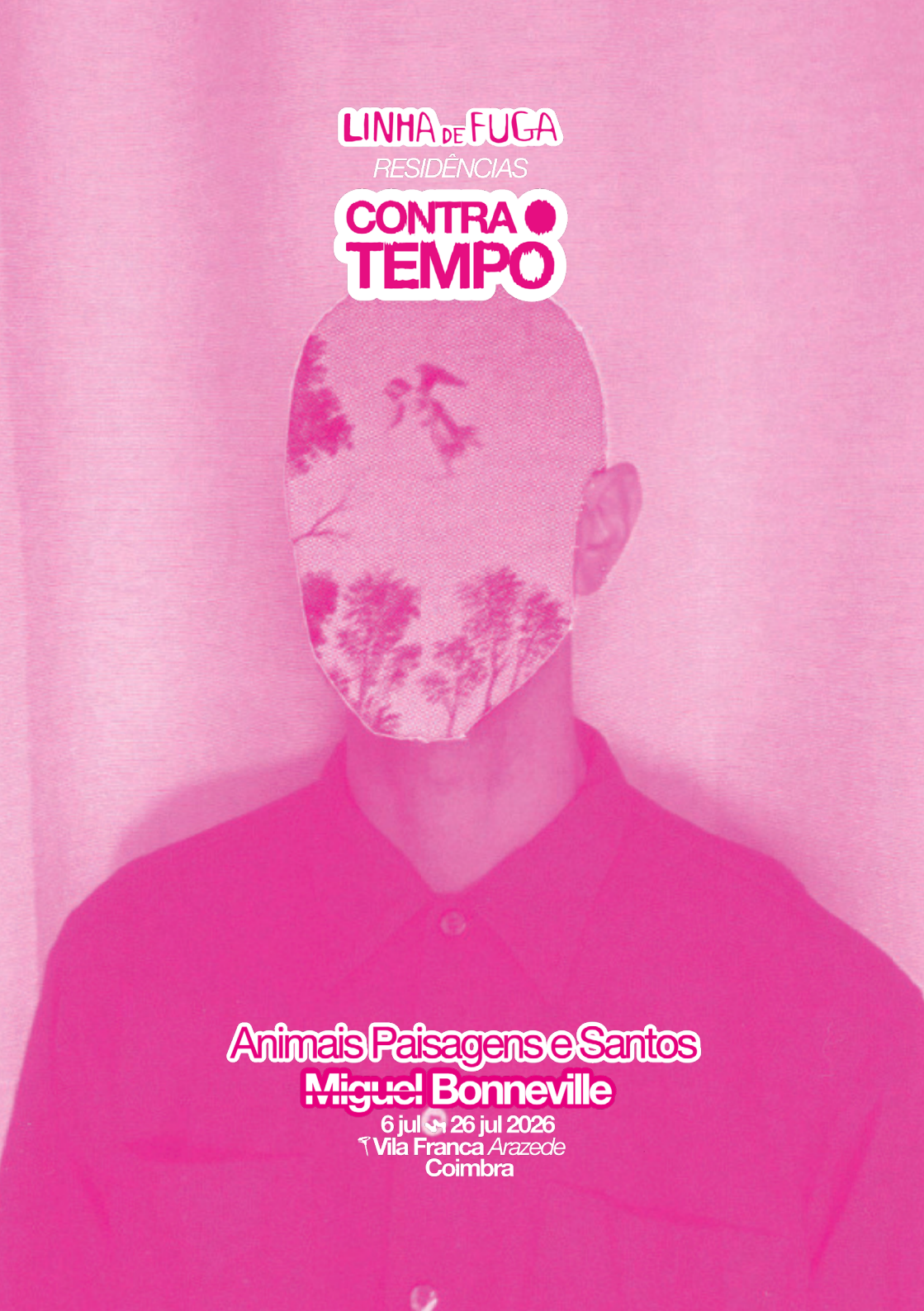
LINHA DE FUGA

RESIDÊNCIAS

CONTRA TEMPO



Animais Paisagens e Santos

Miguel Bonneville

6 jul – 26 jul 2026

Vila Franca *Arazede*

Coimbra

ANIMAIS PAISAGENS E SANTOS

Créditos

Criação ~~Miguel~~ Bonneville
Gestão de Produção e Administração Financeira Cristina Correia
Apoio República Portuguesa - Cultura | DGARTES – Direção-Geral das Artes



Sobre o projeto e a residência em Coimbra

Um centro que não se revela

Animais Paisagens e Santos é um projeto de investigação artística de longa duração que parte de três campos de interesse – os animais, as paisagens e os santos – para construir relações entre aquilo que é visível e aquilo que permanece misterioso, entre experiência corporal e experiência espiritual, entre vida e morte, matéria e transcendência.

Mais do que trabalhar sobre temas fechados, Miguel interessa-se pelas ideias que surgem à sua volta e pelas relações inesperadas que se estabelecem entre elas. O projeto foi-se formando através de diferentes trabalhos e pesquisas, entre os quais Religião e Moral, realizado com Maria Gil, e Ensaios de Santidade, desenvolvidos no contexto do Matadero (Madrid). A leitura de Georges Bataille e Simone Weil acompanhou este processo e contribuiu para uma aproximação cada vez maior à experiência mística enquanto experiência do corpo, da atenção e do contacto com aquilo que não é imediatamente explicável.

A figura de São Francisco de Assis tornou-se uma das primeiras entradas co cretas no projeto. A sua relação com os animais, a natureza e a santidade reúne, numa única figura, os três campos que Miguel procurava aproximar. A partir daí, a investigação começou a abrir-se para outras questões: a experiência dos santos, as vozes e as visões, a relação entre misticismo e loucura, os limites entre humano e animal e as diferentes formas de representar e conservar a vida.

A natureza-morta surge também como uma referência importante. A própria ideia de conservar aquilo que está vivo introduz uma contradição: ao tentar preservar a vida, produz-se uma imagem daquilo que já morreu. A paisagem, por sua vez, aparece como construção e representação, mas também como espaço vivido, capaz de influenciar a experiência e a imaginação.

A cerâmica entrou neste processo como uma forma de tornar material essa investigação. Miguel começou a trabalhar o barro e a construir imagens de animais, santos e paisagens, escrevendo também sobre azulejos. A matéria passou a funcionar não apenas como suporte, mas como uma extensão da pesquisa, uma maneira de experimentar fisicamente questões que até então estavam sobretudo no campo da leitura, da escrita e da performance.

Outro momento determinante foi a descoberta da afantasia, a impossibilidade de produzir voluntariamente imagens mentais. A partir daí, a investigação sobre as visões dos santos e sobre as práticas de visualização ganhou uma dimensão pessoal. Se determinadas experiências espirituais são descritas através de imagens interiores, o que acontece quando essa capacidade de visualização não está disponível? A questão conduziu Miguel à ideia de construir, através das palavras, um espaço que pudesse existir sem depender de uma imagem mental previamente formada.

É neste contexto que surge o claustro. Mais do que uma arquitetura concreta, trata-se de um espaço imaginado através da escrita: um lugar interior e exterior ao mesmo tempo, associado à água, aos jardins, às aves e a uma circulação em torno de um centro. Durante a residência na Fundação Eça de Queiroz, a investigação começou pelas pedras, entendidas como matéria primordial de construção. A partir delas surgiram textos e vozes que passaram a construir e a habitar esse espaço. O claustro tornou-se progressivamente um dispositivo para pensar aquilo que está no centro sem nunca ser totalmente revelado. A questão deslocou-se da construção do espaço para aquilo em torno do qual ele se organiza. É nesse ponto que aparece a ideia de um "fantasma de Deus": não como afirmação da existência de Deus, nem como declaração da sua inexistência, mas como espaço de suspensão. Um centro que não está vazio, mas também não pode ser preenchido.

Durante a residência em Arazede, essa investigação avançou para uma escrita mais ensaística. Depois de um primeiro momento marcado por vozes e textos de natureza mais poética, Miguel começou a escrever sobre os próprios conceitos que sustentavam esses textos. A investigação passou, assim, a incluir uma investigação sobre a investigação, uma espécie de metatexto que procura perceber como se constrói uma pergunta quando o seu centro permanece desc nhecido. O projeto é também atravessado por uma dimensão autobiográfica, embora não se trate de uma autobiografia direta. A figura do "santo fracassado" tornou-se particularmente importante, alguém que procura a santidade, mas falha na sua concretização. O fracasso deixa, nesse caso, de ser um resultado negativo e transforma-se em matéria de trabalho.

Em vez de alcançar uma experiência definitiva, interessa partilhar a tentativa, o desvio, a dúvida e a própria impossibilidade de chegar a uma resposta. Animais Paisagens e Santos mantém-se, por isso, aberto. Não procura concluir as relações entre espiritualidade, corpo, natureza, escrita e imagem, mas permanecer no espaço entre elas. É nesse intervalo, entre o que se sabe e o que permanece por descobrir, que o projeto continua a desenvolver-se.

Em Vila Franca e Coimbra

~~Miguel~~ Bonneville esteve em residência em Arazede entre 6 e 26 de Julho de 2026. A sua residência incluiu uma apresentação informal do processo em criação, uma conversa e um workshop.

A residência em Coimbra constituiu um momento particular dentro do desenvolvimento de Animais Paisagens e Santos. Mais do que um período dedicado exclusivamente à produção de novos objetos ou textos, foi uma oportunidade para deslocar a investigação para outro território e observar o que acontecia quando o projeto encontrava uma paisagem, uma comunidade e um contexto diferentes.

O trabalho desenvolvido anteriormente na Fundação Eça de Queiroz tinha deixado uma série de questões em aberto. Entre elas estava a construção imaginária de um claustro e a presença de diferentes vozes que, através da escrita, começavam a habitar esse espaço.

Em Coimbra, Miguel continuou esse processo, mas a mudança de lugar alterou também a própria escrita. O território passou a fazer parte do trabalho, não apenas como cenário, mas como elemento capaz de modificar ritmos, associações e formas de pensar.

A residência foi igualmente marcada pelo contacto com a comunidade local. O workshop e a conversa pública (Conversa com a Academia) realizados durante este período assumiram formas bastante diferentes, mas tiveram um ponto em comum: a criação de espaços onde era possível partilhar experiências, dúvidas e perspetivas pessoais.

No workshop, o interesse esteve sobretudo no processo coletivo. Em vez de partir de regras previamente estabelecidas sobre aquilo que uma obra deveria ser, o trabalho procurou abrir possibilidades e permitir que cada participante percebesse aquilo que queria fazer, aquilo que preferia abandonar e aquilo que poderia transformar. O objetivo não era chegar a um resultado comum, mas experimentar diferentes formas de relação com o processo criativo.

Essa experiência permitiu também pensar sobre as regras que muitas vezes são interiorizadas através da educação artística e da própria sociedade. Ao desmontá-las temporariamente, tornava-se possível criar um espaço de maior liberdade individual. A confiança construída entre os participantes foi, nesse sentido, uma das dimensões mais importantes da residência.

A conversa pública teve outra dinâmica. A participação acabou por ser maior do que Miguel esperava e trouxe consigo uma diversidade de posições e experiências relacionadas com religião, santidade, ateísmo, altruísmo, filosofia e até referências ligadas à cultura punk. Em vez de procurar conduzir a discussão para uma conclusão, Miguel interessou-se precisamente pela multiplicidade dos caminhos que se abriam. Essa abertura é importante para compreender a sua relação com a residência. O território não é entendido apenas como um lugar geográfico, mas como uma rede de pessoas, histórias e formas de olhar. A residência permitiu que o projeto saísse do espaço relativamente protegido do estúdio e da investigação individual e encontrasse outras pessoas, outras perguntas e outras maneiras de interpretar os mesmos assuntos.

A experiência coletiva também reforçou uma ideia que atravessa o trabalho de Miguel: a importância de criar lugares onde questões pessoais possam ser colocadas sem a obrigação de encontrar imediatamente uma resposta. Religião, identidade, género, sexualidade, medo, ansiedade ou crenças podem surgir como matérias de conversa e de criação sem precisarem de ser classificadas ou resolvidas.

Ao mesmo tempo, a residência não interrompeu a investigação individual. A escrita continuou a desenvolver-se e o claustro manteve-se como uma estrutura de pensamento. Mas o contacto com Coimbra introduziu novas camadas nesse processo: o espaço físico, a experiência do deslocamento e, sobretudo, a presença dos outros. Por isso, o resultado da residência não pode ser medido apenas pelos textos produzidos ou pelas formas apresentadas, uma parte significativa do trabalho aconteceu na construção dessas relações e na criação de situações de encontro. Para Miguel, o processo artístico não termina necessariamente na obra final, pode também existir naquilo que acontece entre pessoas enquanto uma obra ainda está a ser pensada.

Arazede tornou-se, assim, mais um dos lugares onde o projeto pôde testar as suas perguntas. Um lugar de passagem, mas também de escuta, onde a investigação encontrou novas vozes e onde a comunidade passou a integrar o próprio processo artístico.



Residência em Artista

Miguel Bonneville



Artista transdisciplinar que cria obras autoficcionais, centradas na desconstrução e reconstrução da identidade, explorando questões de género, morte e espiritualidade, em múltiplas linguagens artísticas, incluindo escrita, música, vídeo e performance.

Desde 2003, tem apresentado o seu trabalho nacional e internacionalmente, sobretudo os projetos seriados Family Project, Miguel Bonneville e A Importância de Ser. Recebeu o Prémio da Rede Ex Aequo (2015) pelos espetáculos Medo e Feminismos, em colaboração com Maria Gil, e A Importância de Ser Simone de Beauvoir, e foi distinguido com o Prémio Literário VS – Ernesto Sampaio (2025).

Estudou Interpretação na Academia Contemporânea do Espetáculo (2000-2003), Artes Visuais no Programa Criatividade e Criação Artística/ Fundação Calouste Gulbenkian (2006), Autobiografias, Histórias de Vida e Vidas de Artista no CIES-ISCTE (2008), Arquivo – Organização e Manutenção no Citeforma (2013), Cyborgs, Sexo e Sociedade na FCSH (2016), e Filosofia e Arte na Mute (2017), entre outros.

Fez parte da Direção Artística do Teatro do Silêncio (2018-2023), do núcleo de artistas representados pela Galeria 3+1 Arte Contemporânea (2009-2013) e da Eira-dança contemporânea (2004-2006). Realizou filmes como Camera Obscura (2023), Um medo com duas grandes faces (2022), Traça (2016), entre outros. E foi financiado pelo Apoio à Escrita e Desenvolvimento de Obras Cinematográficas 2021 – ICA para desenvolver o argumento da longa-metragem de ficção Paisagem com pássaros amarelos (2021-2023). Publicou livros como Ensaios de santidade (Sr. Teste, 2021), O pessoal é político (Douda Correria, 2021), Livro do Daniel e outros textos (Urutau, 2024), A Importância de Ser – Antologia (Sistema Solar, 2025) e O ano que os gafanhotos comeram (VS, 2026).





Sobre a prática artística

Perguntar, Escutar, Desviar

A prática artística de Miguel desenvolve-se através de uma combinação de investigação, escrita, leitura, conversação, deslocamento e atenção. Não existe um método único ou uma sequência fixa de procedimentos. O trabalho constrói-se através de acumulações: uma leitura conduz a outra, uma pergunta gera uma nova pergunta, uma conversa pode transformar-se em matéria para um texto e uma mudança de lugar pode alterar aquilo que está a ser escrito.

A leitura ocupa um lugar central. Miguel trabalha habitualmente com bibliografias extensas e com uma lógica de associação em que cada referência abre caminho para outras. Nem sempre lê um livro do princípio ao fim, por vezes procura capítulos ou passagens específicas que respondam a uma necessidade concreta do processo. A investigação é menos uma procura de informação definitiva do que uma forma de criar ligações.

Os cadernos acompanham esse processo. Existe um caderno dedicado ao projeto em curso, onde se acumulam ideias, referências, notas e observações que mais tarde podem ser reorganizadas em textos. Há também um caderno mais ligado à vida quotidiana, que atualmente é sobretudo utilizado para guardar frases e citações. Ao longo do tempo, os cadernos foram igualmente espaços para fragmentos, esquemas, listas e diagramas.

As listas têm uma função particular, Miguel gosta de fazer listas de perguntas, transformando aquilo que poderia ser uma conclusão numa sequência de possibilidades. Perguntar torna-se uma ferramenta de investigação e uma maneira de manter o trabalho aberto.

Essa lógica estende-se ao contacto com outras pessoas. Uma das práticas que desenvolveu consiste em formular uma pergunta, decidir a quem quer colocá-la e enviar essa pergunta para uma rede de pessoas, incluindo por vezes desconhecidos. As respostas são recolhidas como material e posteriormente reorganizadas. O procedimento pode partir de algo aparentemente simples, por exemplo, pedir a alguém que imagine quem poderia ter determinada voz, e transformar-se numa matéria para escrita ou criação. Há também um interesse por aquilo que o artista chama de práticas de eco: perguntar a outras pessoas sobre possibilidades futuras, sobre aquilo que imaginam ou sobre aquilo que poderia acontecer. O objetivo não é obter uma previsão, mas produzir material a partir de diferentes perspetivas. A rede de relações transforma-se, assim, numa ferramenta de investigação.

Nos workshops, este princípio assume uma dimensão coletiva. Miguel propõe situações em que os participantes podem experimentar possibilidades, estabelecer regras, alterá-las e perceber o que lhes interessa. Em vez de classificar imediatamente uma proposta como boa ou má, prefere pensar em termos de aquilo que é favorável ou desfavorável ao processo.

Uma ideia pode ser abandonada, transformada ou recuperada mais tarde. A atenção é outro elemento fundamental. A partir da leitura de Simone Weil, Miguel aproxima a atenção de uma forma de cuidado e de uma prática espiritual. Estar atento significa também reconhecer limites, perceber quando avançar, quando recuar e que efeitos determinada ação pode ter sobre os outros. Esta dimensão torna-se particularmente importante quando trabalha em grupo, onde o processo artístico envolve relações de poder, expectativas e responsabilidades.

A escrita acontece sobretudo à noite. O silêncio e a menor quantidade de interrupções permitem uma concentração diferente. A própria experiência de escrever está associada a uma mudança de estado. A música pode funcionar como um instrumento para entrar nesse estado, sendo por vezes utilizada repetidamente durante um projeto inteiro. Caminhar é outra prática recorrente, sair do espaço de trabalho permite desbloquear pensamentos e estabelecer novas relações entre ideias.

O espaço físico também é utilizado como ferramenta. Miguel procura mudar de mesa ou de lugar quando trabalha, percebendo que uma alteração espacial pode produzir uma alteração na perspetiva. A ideia é próxima da observação de Anne Carson sobre a existência de diferentes mesas para diferentes tarefas, o lugar onde se trabalha influencia aquilo que se consegue fazer.

O cinema participa igualmente no processo, há filmes que são vistos antes ou durante determinados projetos, funcionando como referências e atmosferas de trabalho. Entre as obras mencionadas por Miguel estão Belle de Jour, Blow-Up, Crash e Le quattro volte. Não se trata necessariamente de procurar referências diretas, mas de criar um campo de imagens e sensações que possa acompanhar a investigação. O corpo também participa desse processo através de práticas como o yoga e através da própria experiência do deslocamento. As residências têm, nesse sentido, uma função que ultrapassa a disponibilidade de um espaço de trabalho. Mudar de território implica mudar de luz, paisagem, ritmo e hábitos, e essas alterações acabam por interferir na escrita e no pensamento.

É nesta combinação de práticas que se encontra uma das características mais fortes do trabalho de Miguel: a investigação artística não está separada da vida quotidiana. Ler, caminhar, ouvir música, conversar, fazer perguntas, mudar de lugar, observar, escrever ou simplesmente prestar atenção podem tornar-se procedimentos artísticos. A sua prática desenvolve-se sobretudo nos interstícios, entre disciplinas, entre pessoas, entre uma pergunta e uma resposta, entre o pensamento e a matéria. Em vez de procurar eliminar essas zonas de incerteza, trabalha a partir delas. O que ainda não está definido, aquilo que não pode ser imediatamente explicado ou aquilo que surge entre duas ideias pode tornar-se precisamente o ponto de partida para uma nova obra.

Prática para Partilhar

Prática do eco

Quando não souberes para onde levar um trabalho, formula uma pergunta e lança-a para outras pessoas.

1. **Identifica aquilo que não sabes ou aquilo que te está a bloquear.**
2. **Transforma essa inquietação numa pergunta.**
3. **Escolhe algumas pessoas a quem fazer essa pergunta - próximas ou desconhecidas**
4. **Recolhe as respostas sem procurar imediatamente encontrar uma conclusão.**
5. **Observa o que se repete, o que contradiz, o que surpreende ou aquilo que abre novas possibilidades.**
6. **Junta esse material ao teu processo de criação.**
7. **Repara também na tua própria reação às respostas: o que te atraiu? O que rejeitaste? O que te fez mudar de direção?**

A prática não procura encontrar uma resposta certa.
Trata-se de fazer a pergunta circular e perceber o que acontece quando ela regressa transformada pelas outras pessoas.

Perguntar ↬ Lançar ↬ Escutar
Recolher ↬ Devolver ao processo.

Livros e Ensaios



A experiência interior Georges Bataille
Espera de deus Simone Weil
São Jerónimo e a trovoada Teixeira de Pascoaes
O Poverello S. francisco de assis | P. fernando félix lopes
São francisco de assis Gk chesterton
Pedras Roger Caillois

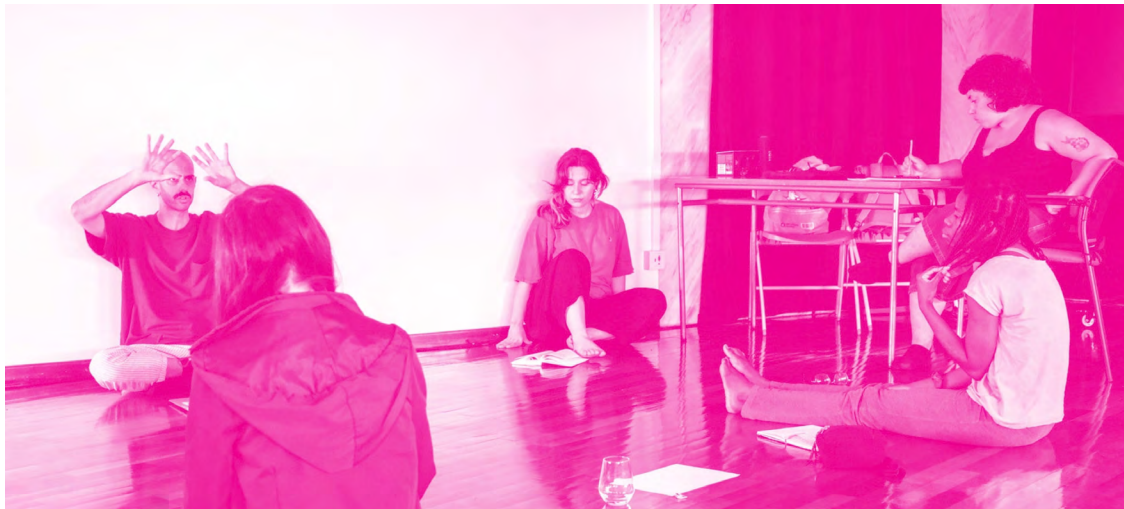


Filmes

Le quattro volte Michelangelo Frammartino
Libres Santos Blanco
Il bacio di tosca Daniel Schmid

aulas

Introduction to the old testament with christine hayes





Conversa com a Academia

O que é um Santo hoje?

No dia 22 de Julho, no Centro Cultural Penedo da Saudade, decorreu esta conversa com a participação de Miguel Bonneville, artista em residência, e o Padre Nuno Miguel dos Santos, Reitor do Seminário Maior de Coimbra.



Mote para abrir a conversa

Animais Paisagens e Santos é um projeto de investigação artística que cruza escrita, performance e pensamento crítico para revisitar as vidas dos santos como espaço de reflexão sobre as relações entre humanidade, natureza e espiritualidade. Partindo de figuras como São Francisco de Assis e São Jerónimo, questiona o que pode significar a santidade hoje, explorando práticas de comunidade, ecologia e transformação ética a partir de uma perspetiva contemporânea e não confessional.



A sessão foi transmitida em streaming e pode ser vista aqui

Padre Nuno Miguel dos Santos

É Reitor do Seminário Maior de Coimbra, tem doutoramento em Teologia Dogmática tirado na Pontifícia Universidade Gregoriana, tem ainda mestrado em Psicologia da Educação, tirado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UC, é professor na UCP e na ETM. O seu percurso académico centra-se na Teologia Relacional, Teologia da Esperança, Teologia da Morte e Ressurreição, procurando unir o quotidiano ao sagrado, à cultura, à espiritualidade e a terra ao céu. É ainda capelão da Cadeia de Coimbra.

«Conversas com a Academia» é uma iniciativa de Linha de Fuga que, desde 2021, promove um diálogo entre investigações académicas e artísticas, em colaboração com o Observatório Masculinidades do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Crítico Ensaio

Resistência

Estou com o coração nas mãos. Não vou mentir, nem exagerar. Ele bate, exposto e carente, nas minhas mãos. Bate todos os dias, desde há 18 meses, nas minhas mãos. Sei que me veio parar às mãos como resposta a este destino violento.
Resentido, frustrado e orgulhoso, guardo-o com as mãos abertas, para todos verem.

Vejam, vejam o meu coração. Toquem-lhe. Batam-lhe. Riam-se dele. Tenham pena. Cuspam. Deitem pó. Beijem-no. Mordam-no.
Façam o que quiserem.
Só peço que não o deitem ao chão. Ele está nas minhas mãos e eu quero que continue assim.

//

Subo as escadas, acompanhade de amigues e amantes desejades, tentando manter a calma. Um limbo entre tesão e completo pânico. Na verdade, o suor que me cai pelas costas abaixo -
que desliza lentamente pelo rego do cú
este cú que pulsa com toda a voracidade de um cadela em cio
O trauma tem destas coisas.
não é só fruto da caminhada íngreme que fiz, debaixo de 42º de sol, sem resguardo, para aqui chegar. Não. Este suor é salgado e sujo. Este suor apela ao prazer. Que saudades de cheirar um suvaco suado. Este suor provoca-me, arrepia-me e deixa-me louco.
O trauma tem destas coisas.
Não sei o que dizer
Só sei que quero foder

O cheiro a suor da sala não ajuda
Até que os ombros roçam nos teus e de repente
silêncio

//

Brain fog. Desencanto. Recusa.
Sei que são respostas aos espelhos que ergues à minha - à nossa - frente.
Enorme, gigante. Violento. Que me estilhaça aos bocadinhos pela sala fora.

De repente estou nú, com a língua atada e o corpo numb as fuck.
Entrelaço as pernas, na esperança de algum conforto.

Alguém aqui que beije por favor.
Talvez, se me beijasses, desviávamos os olhares de todos os outros.

Tu, com os pelos do peito à mostra.
Tu, com a tua postura elegante e olhar triste
Tu, com a voz ríspida.
Tu, que tropeças pelas frases fora sem nunca caíres
Tu, que deixaste os caracóis crescerem e me chamas de amigue

Estou farto de ser amigue.
Estou farto.

Desentrelaça-me as pernas e, a seguir, a lingua por favor. Não olhes para mim.
Nem me ouças, não vale a pena. Já não tenho nada a dizer, perante isto tudo.
O trauma tem destas coisas.
Escape.

//

Sinto que o meu coração me trai.
Fiquei a saber que o claustro é um centro aberto, um pátio no meio de edifícios religiosos. Na verdade, acho que já sabia. Mas há uma particularidade na escrita do Miguel, na maneira como escreve - aliás, na maneira como escreve o que escreve, que me situa numa memória, num momento. Num sentimento. Faz-me esquecer tudo o que está à volta. Todas as portas espalhadas pelas paredes que rodeiam este claustro, que na verdade são portas para dentro dele. Ou pelo menos, parte dele. Essa é uma das atrações - sim, atrações... tesão mesmo - que tenho pelo Miguel e pelo seu trabalho. Abre-se todo para nós e, por isso, reflete-nos a nós próprios. Tira-nos os véus e foge com eles, rindo-se. Bandido.

Mas começamos. O Miguel convida-nos a ler e interpretar os textos que nos entrega. E estupidamente, centrei-me numa memória que me infantiliza. Aos sete anos de idade, fui expulso da missa de Domingo da Igreja de São Martinho, de Montemor-o-Velho. O padre não gostou do meu protesto ao direito de fala. E eu, agora, vomito quando ouço alguém apregoar seja o que for.

E levo um murro no estômago. Como se os meus intestinos retraíssem e com eles levassem todo o meu centro. Toda a minha habilidade de comer, de respirar, de defecar. De viver.

Leio e ouço as nossas vozes a proclamarem as palavras do Miguel, descrevendo a solidão e tumulto interior que vive, embelezadas pela sua poesia, e entro em espiral completa. Aqui, nesta sala, somos um coro. Encorporamos a tua voz, Senhor.

Vai-te foder, Miguel. Tem piedade de nós.

É a terceira vez este ano que me deitas ao chão
Que me arrancas o peito e me deixas exposto, para os abutr-
não, corvos
para os abutres
não, fodasse, os corvos.
aqueles que estão sempre perto, sempre a olhar
a espera que o sangue seque

(li e re-li o Livro do Daniel este ano. lembrei-me de ti, meu amor, como falávamos pela noite dentro sobre lamúrias, desejos e fantasmas. desejos e visões desiludidas. como nos refletimos e julgamos um ao outro, sem pudor. e o quão sozinhos estamos pela noite fora. eu e o que resta de ti.)

Talvez por isso a minha reação inicial seja de recusa
de rejeição e tentativa de problematizar todas as palavras, sílabas, pontuações e tons. Mas há medida que te abres para nós, que nos convidas a andar pelo claustro que construíste - sim, esse claustro que ilustra os teus intestinos, os teus desejos e demónios - a admirar a sua arquitetura decadente e deslumbrante, vou-me derretendo.

//

Os abutres
e os corvos estão pousados nos telhados à volta do claustro.
Olham para dentro à espera que apareça um peito aberto. Talvez alguma alma caridosa mande um braço ou uma cabeça decapitada para o centro, sei lá.
Olham para baixo de cabeça levantada, a julgar quem passa.
A julgar, sim. Nota-se nos seus olhos.
Julgam e esperam.
Como pais ausentes que se aproveitam do fracasso adulto para devorar o que resta de ti.

//

Voltas a palavra para ti, apenas.
Culpas o tempo. Mas não. Acho que é meio intencional.
As nossas vozes passam a ser apenas tuas novamente.

E de repente, eu volto ao início.
Horny e triste. De luto por toda esta viagem.

Olha para mim. Lê enquanto me olhas nos olhos e cospes na boca.

Há um tom de ternura na tua violência, que me trai.

//

E agora, Miguel? Que faço eu com isto tudo?

www.linhadefuga.pt



Entrevista Catarina Saraiva
Edição de Textos Marta Rodrigues
Ensaio Crítico Xavier de Sousa
Design gráfico e Diagramação So Dias
Fotografia Paulo Abrantes

Iniciativa

Estrutura financiada por

Co-produção
Residências Contra|o|Tempo

Apoios

Media partner